

-2 JUL 1974

311 A.

564

ANO I — N.º 1
1. JULHO — 1974
PREÇO 2\$50

A VERDADE

SÓ A VERDADE É
REVOLUCIONÁRIA
— LENINE

PÃO ★ PAZ ★ TERRA ★ LIBERDADE ★ INDEPENDÊNCIA

EDITORIAL

POR UM JORNAL DE UNIDADE POPULAR

1. O Golpe de Estado militar de 25 de Abril, derrubando a velha ditadura fascista e substituindo-a por um regime de tipo democrático-burguês apoiado na grande e média burguesia e realizando uma estreita aliança com várias camadas da pequena-burguesia, veio projectar uma luz nova sobre a luta de classes em Portugal.

O Golpe de Estado de 25 de Abril veio de facto reforçar a nitidez da linha de demarcação que separa os dois campos antagónicos em que se divide a actual sociedade portuguesa: dum lado, o campo da Revolução com o proletariado revolucionário à sua cabeça aliado ao campesinato e às massas exploradas; dum outro lado, o campo da reacção com a grande burguesia industrial e financeira aliada ao imperialismo internacional a comandar as hostes capitalistas compostas ainda pela média burguesia e largas camadas da pequena-burguesia.

É neste contexto que se apresentam os programas políticos dos respectivos campos em luta. O campo da Revolução ergue o Programa da Democracia Popular, o programa da conquista do poder de Estado pelos operários e camponeses, de democracia para os trabalhadores e ditadura para a burguesia que trará ao povo de Portugal o Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade e a Independência.

O campo da reacção agita demagogicamente as liberdades fundamentais reconquistadas a 25 de Abril para esconder a natureza capitalista e anti-popular do seu programa de reestruturação da vida económica, social e política portuguesa que significa a reestruturação em novos moldes da ditadura da burguesia sobre as largas massas exploradas.

«A Verdade» coloca-se decidida e completamente ao lado do povo de Portugal, ao lado dos operários, dos camponeses, dos soldados e marinheiros e outros trabalhadores-revolucionários em luta pela Democracia-Popular.

2. Num movimento cada vez mais impetuoso, as largas massas de operários, camponeses, soldados e marinheiros e outros trabalhadores de Portugal dão provas da sua aspiração profunda em viverem livres da opressão e da exploração capitalista. O Programa da Democracia Popular encontra um eco crescente junto do povo português: as centenas de lutas pelo PÃO, a PAZ, a TERRA, a LIBERDADE e a INDEPENDÊNCIA NACIONAL que actualmente despontam de norte a sul do país são a prova real de que o Programa Democrático-Popular se identifica com o movimento das largas massas exploradas, de que ele é fiel intérprete das aspirações mais sentidas das classes trabalhadoras. As condições objectivas são pois extremamente favoráveis à Revolução Democrático-Popular.

Mas se por um lado as condições objectivas são extremamente favoráveis à Revolução, a elas não correspondem actualmente, por outro lado, as condições subjectivas de organização do movimento operário e popular indispensáveis à condução do processo revolucionário até à vitória. A traição reformista que em 1956 destruiu o Partido de vanguarda da classe operária deixando por muito tempo o movimento revolucionário sem direcção é responsável n.º 1 desta situação de fraqueza.

Estes mesmos reformistas do tipo de Alvaro Cunhal, em estreita aliança com a social-democra-

(Continua na pág. 2)

OS TRABALHADORES EM LUTA PELO PÃO

Desde os últimos meses do passado ano que a classe operária e as massas trabalhadoras se ergueram num importante movimento reivindicativo. Só nos meses de Janeiro e Fevereiro foram desencadeadas mais de 200 greves de norte a sul do país. Consta-se pois que as grandes movimentações operárias a que se assiste após o 25 de Abril não caíram do céu dum momento para o outro mas que, pelo contrário, embora aproveitando audaciosamente a porta que se abriu com a queda da ditadura fascista, estão na continuidade das lutas que operários e demais trabalhadores vinham empreendendo corajosamente nos últimos seis meses.

Antes como depois de 25 de Abril a classe operária levanta-se contra as mesmas condições de vida insuportáveis que o

capitalismo lhe impõe. Ela ergue-se pela conquista de melhores salários, pela revisão dos Contratos Colectivos de Trabalho (CCT), contra as cadências infernais, contra a falta de segurança no trabalho, contra os despedimentos e o desemprego, pela aquisição de várias regalias, numa palavra: contra o mesmo inimigo, a exploração capitalista.

Quais são as características fundamentais das actuais lutas pelo Pão? Quais os seus pontos fortes e as suas fraquezas? Que papel têm nelas desempenhado as direcções reformistas dos sindicatos e os partidos e movimentos ditos «democráticos»? Que perspectivas se lhes abrem? Tais são algumas das questões que vamos focar neste artigo.



UNIDADE POPULAR — OPERÁRIOS E CAMPONESES UNIDOS VENCERÃO!

As condições de vida da classe operária e das massas trabalhadoras não têm cessado de agravar-se. Ao aumento constante dos preços dos produtos alimentares de primeira necessidade, dos preços dos transportes, dos alugueres de habitação, do vestuário, tem vindo a aliar-se o desemprego, os despedimentos arbitrários, os encerramentos de fábricas e empresas, o aumento das cadências de produção que o patronato impõe à classe operária e a falta de produtos essenciais no mercado como o leite, o peixe, os legumes ou derivados do petróleo. Como sempre, quando o capitalismo atravessa uma crise aguda são a classe operária e os trabalhadores em geral que a suportam e a pagam.

Se os preços aumentam, os lucros fabulosos da burguesia e do imperialismo internacional instalado no nosso país não descem, bem pelo contrário; se existe a praga dos despedimentos e do encerramento de fábricas é também na maior parte dos casos para proporcionar a fusão dos grandes capitais monopolistas, para proporcionar, no fim de contas, novos lucros à burguesia; se os alugueres da habitação aumentam sem parar é em benefício dos J. Pimenta, das Torralta, dos construtores civis e proprietários que num abrir e fechar de olhos acumulam fortunas; se os produtos escasseiam no mercado é porque a terra não pertence a quem a trabalha mas é coutada dos grandes senhores que tudo decidem da agricultura e da pecuária segundo as suas conveniências; se não há hospitais, se as escolas escasseiam, se as vias de comunicação são más é porque o Estado burguês queima os dinheiros públicos em criminosas guerras coloniais para defender os interesses dos banqueiros, grandes industriais e roceiros colonialistas em África; se as classes trabalhadoras são esmagadas pelos impostos é para pagar as guerras e para pagar a vida dos parasitas que defendem os interesses da burguesia.

A esta situação a classe operária e vários sectores de tra-

(Continua na pág. 2)

(Continua na pág. 2)

A GREVE NOS CTT E AS MANOBRAS DOS REFORMISTAS

Após três dias de corajosa greve, os trabalhadores dos CTT voltaram ao trabalho sem terem alcançado as suas reivindicações. Mas a derrota é a mãe da vitória e as lições preciosas que se extraem desta greve constituem uma base apreciável para futuros êxitos do movimento reivindicativo dos trabalhadores dos CTT se essas lições forem assimiladas e correctamente passadas à prática.

No decorrer desta greve salientou-se, antes de tudo mais, o espírito combativo dos trabalhadores por piores e sujeitos a um maior ritmo de trabalho (como os carteiros e as telefonistas) que souberam organizar-se formando piquetes de greve para que a decisão tomada democraticamente de paralização total do trabalho fosse levada para a frente. A grande maioria dos trabalhadores dos CTT souberam apoiar constantemente a sua Comissão Pró-Sindicato e bater-se pelas suas justas reivindicações.

A ACTUAÇÃO DOS REFORMISTAS

Os reformistas do partido de Alvaro Cunhal, das CDEs, da Intersindical, etc., apareceram aos olhos dos trabalhadores dos CTT como os responsáveis n.º 1 da infame campanha lançada contra o movimento grevista, campanha essa que está directamente na origem da decisão dos trabalhadores de terminarem a sua greve, como o afirmou um responsável da Comissão Pró-Sindicato.

Vejamos em breves linhas qual foi a actuação de cunhalistas e outros «democratas» no decorrer da greve.

Perante a adesão em massa dos trabalhadores dos CTT à greve, os rafeiros de A. Cunhal e M. Soares intensificam imediatamente as suas manobras tendentes a dividir os trabalhadores dos seus delegados lançando cálinas atrás de cálinas, boatos atrás de boatos e chegando a fazer alusões a possíveis contatos da Comissão Pró-Sindicato e de de-

legados com as forças da reacção fascista e mesmo... com a CIA, polícia secreta dos imperialistas norte-americanos.

Mas como esta manobra de divisão falhasse e a esmagadora maioria dos trabalhadores se alynhasse em torno dos seus legítimos representantes, os reformistas lançam mãos a uma segunda manobra: dividir os trabalhadores por categorias. E como não seria de estranhar, os reformistas não vão

A VERDADE

DIRECTOR INTERINO: CÉLIA VIDAL DA COSTA
SEDE, ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO:
RUA DA ADIÇA, 17, 1.º ESQ. (ALFAMA) — LISBOA
(PERMANENCIAS EM ESTUDO)

Composição e impressão: Tip. Silvas, Lda.
R. D. Pedro V., 118-126 — Telef. 32 31 21 — Lisboa-2

OS POVOS IRMÃOS
DAS COLÓNIAS
VENCERÃO!

(VER ARTIGO NA PÁG. 5)

EDITORIAL

(Continuação da 1.ª página)

cia mais reaccionária (estilo Mário Soares) e com os outros falsos amigos dos trabalhadores das CDEs, da Intersindical, do MDP, etc., são presente-mente o maior obstáculo à unificação do movimento operário e popular revolucionário.

O partido de Álvaro Cunhal, que usa abusivamente o nome do glorioso Partido de Militão Ribeiro, Alfredo Dinis, José Gregório, Catarina Eufémia, Bento Gonçalves, José Moreira e outros operários revolucionários, é um partido que promove a colaboração de classes e se opõe frontalmente à Revolução Democrático-Popular. Traíndo descaradamente os ensinamentos dos grandes dirigentes do proletariado internacional como Marx e Lênine de quem esses reformistas têm a ousadia de continuar a declarar-se discípulos, os cunhalistas não só propagam as mais perigosas ilusões pacifistas, economicistas e eleitoralistas no seio das massas como ainda, desfrutando das suas actuais posições no aparelho de Estado da burguesia e da sua influência sobre as massas sabotam as lutas revolucionárias dos trabalhadores, utilizam a calúnia contra os autênticos revolucionários e preparam-se para desencadear a repressão social-fascista (socialista nas palavras e fascista nos actos) sobre todos os que discordem das suas opiniões e acções reformistas.

Toda a experiência do movimento revolucionário internacional dos nossos dias demonstra inequivocamente que a organização da vanguarda da classe operária foi o factor essencial que assegurou as vitórias dos trabalhadores onde estes tomaram em mãos o seu destino como na URSS de Lênine e Stáline ou na China e Albânia de hoje.

Assim, independentemente das suas convicções ideológicas finais, todos os autênticos revolucionários não podem deixar de denunciar e desmascarar a traição cunhalista e, simultaneamente, manifestar a sua solidariedade revolucionária aos verdadeiros comunistas que reorganizaram o Partido de vanguarda da classe operária e que procuram actualmente edificá-lo ligando-se às largas massas exploradas e arrancando a direcção do movimento popular aos traidores cunhalistas.

«A Verdade» é inimiga jurada da traição reformista e de toda a clique de falsos amigos dos trabalhadores. «A Verdade» denunciará constantemente o conluio de cunhalistas com a burguesia e o imperialismo ilustrando-o com os exemplos escandalosos que quotidianamente oferece aos trabalhadores de Portugal.

3. «A Verdade» apoia resolutamente as lutas dos trabalhadores pelo PÃO e acompanhará na medida das suas possibilidades as lutas que os trabalhadores travam nas fábricas, nos campos, nas empresas, nos estaleiros e nas minas, nos portos e nos caminhos de ferro contra a desenfreada exploração capitalista. «A Verdade» apoiará com todas as suas forças as justas reivindicações dos trabalhadores por melhores salários, melhores horários, melhores reformas, numa palavra: por melhores condições de vida. «A Verdade» acompanhará de perto a vida sindical.

Mas, do capitalismo, os trabalhadores só podem esperar em definitivo mais miséria e sofrimentos. Inimiga do economicismo que paraliza o movimento revolucionário. «A Verdade» procurará perspectivar sempre as lutas pelo PÃO no quadro da Revolução Democrático-Popular que, expropriando a grande burguesia e o imperialismo e terminando radicalmente com a exploração e a miséria, assegurará o PAO aos trabalhadores.

★

«A Verdade» apoia resolutamente as lutas dos povos sob domínio colonial português até à sua independência completa e total. Foi a luta heróica dos povos das colónias que minou a ditadura fascista nos seus alicerces tendo assim contribuído decisivamente para a queda do odiado regime.

Ao contrário da burguesia que embora reconheça a impossibilidade de vencer militarmente os povos coloniais em armas se entrega presentemente a manobras neocolonialistas que visam prolongar a exploração e opressão colonialista sob novas formas, o povo de Portugal aspira à PAZ que implica forçosamente a retirada imediata de todos os soldados das colónias e a independência completa e total para os povos de Angola, Guiné (Bissau) e Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Os reformistas, embora se digam amigos dos povos coloniais, sabotam escandalosamente a luta anti-colonialista em Portugal. «A Verdade» defende a unidade de acção revolucionária anti-colonialista e anti-imperialista na base do internacionalismo e

(Continua na página 4)

OS TRABALHADORES EM LUTA PELO PÃO

(Continuação da 1.ª pág.)

balhadores têm respondido intensificando a luta pelo Pão, luta que na actual situação reflecte uma forma extremamente clara o conflito de classe antagonico que opõe o proletariado, aliado às largas massas de trabalhadores, à burguesia capitalista exploradora no seu conjunto. Esta é a característica fundamental do actual movimento reivindicativo e é ela que explica a grande facilidade com que greves e lutas, por vezes espontâneas e localizadas, ganham contornos claramente políticos — expulsão dos administradores mais comprometidos com o fascismo, exigência do fim da guerra colonial, denúncia da desenfreada exploração dos imperialistas estrangeiros no nosso país, desmascaramento da conciliação reformista.

ASPECTOS DAS ACTUAIS LUTAS

Após o 25 de Abril, como já se disse, a classe operária aproveitou audaciosamente as novas condições políticas criadas para levantar as suas reivindicações com novo vigor. Duma forma geral pode enumerar-se da seguinte maneira as reivindicações mais prementes dos trabalhadores e que constam nos seus cadernos reivindicativos: aumento para todas as categorias da ordem de 1000/1500/2000\$00; fixação dum salário mínimo que vários sectores (metalúrgicos nomeadamente) apontaram de 6 mil escudos; saneamento das administrações com a expulsão dos elementos mais descaradamente fascistas; melhoramento das condições de trabalho e de segurança (operários da construção civil de Tróia e mineiros da Panasqueira, por exemplo); horário semanal de 40 horas (geralmente segundo o princípio de 8 horas para trabalhar, 8 horas para descansar e 8 horas para a vida social, cultural e política) ou, outras vezes, de 44 horas; pagamento do 13.º mês e subsídios de férias; garantias do emprego contra os despedimentos arbitrários e abusivos. Servindo-se das estruturas sindicais ou criando novos meios de organização da luta adaptados às circunstâncias

concretas, recorrendo à greve e à ocupação dos locais de trabalho, formando piquetes contra os furas, mantendo conversações em posição de força com o patronato e elegendo directamente comissões de trabalhadores coordenadoras da luta, descendo à rua em manifestações de massa, os operários arrancaram por vezes importantes concessões à burguesia e fortaleceram a sua unidade de classe.

Não é possível nomear, descrever e analisar aqui todas as lutas realizadas em centenas de fábricas, empresas, minas, construções, estaleiros, portos, caminhos de ferro, serviços públicos, transportes urbanos, etc., que foram desencadeadas nos últimos meses pelos trabalhadores. Vejamos contudo duma forma geral quais os pontos fortes e quais as fraquezas que estas lutas têm manifestado, visto ser só após uma tomada de consciência sobre a sua situação concreta de hoje que os trabalhadores podem vencer os obstáculos de toda a espécie que a burguesia lhes levanta pelo caminho e arrancar amanhã novas vitórias sobre a exploração capitalista.

O ponto mais forte da grande movimentação reivindicativa actual é, sem margem para dúvidas, o grande espírito de vontade de combate que a classe operária e muitos outros trabalhadores têm dado prova. Lançando-se à conquista dos sindicatos e desalojando as direcções fascistas, discutindo em amplas assembleias de fábrica, de empresa ou de sector industrial as suas reivindicações, organizando-se e ousando lutar, os operários e trabalhadores de Portugal têm manifestado o seu elevado espírito de classe e o seu ódio à exploração burguesa. A luta dos operários dos lanifícios por aumentos de salário e outras reivindicações; as lutas na Timex, o movimento dos pescadores da Nazaré e as actuais lutas dos pescadores de Matosinhos; a greve de quase 2 semanas da Messa; as lutas dos operários do plástico da região de Leiria; o combate corajoso dos operários da panificação; as lutas contra os despedimentos colectivos brutais em Braga; a combatividade dos operários da Cotesi, em Griljô, que atiram os furas por cima dos muros; a greve da Carris; as

movimentações dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo; as lutas nas minas da Panasqueira; a greve dos trabalhadores dos CTT; são provas claras do elevado espírito de combate da classe operária e dos trabalhadores.

Mas nem sempre os operários e os trabalhadores saíram totalmente vitoriosos nas suas lutas. Porquê? Falar das razões das derrotas sofridas é expor as fraquezas actuais do movimento operário e popular no nosso país e da forma de superá-las.

DESMASCARAR E ISOLAR OS REFORMISTAS

Em inúmeras lutas que desencadearam os operários foram escandalosamente traídos pelas direcções reformistas dos sindicatos e dos vários partidos e movimentos ditos democráticos que não hesitaram em colaborar com a burguesia, com o patronato, e recorrer às mais sujas manobras para combater as reivindicações erguidas pelos trabalhadores.

METALÚRGICOS

A luta dos metalúrgicos pelo salário mínimo de 6 mil escudos foi traída pelos reformistas que, em estreita colaboração com os capitalistas, impuseram aos operários um salário mínimo de somente 4500\$00, quando eram eles próprios que antes do 25 de Abril pediam os 6 mil escudos.

CARRIS

Os reformistas da Carris, depois de apoiarem as reivindicações dos trabalhadores de aumentos salariais superiores a dois mil escudos, apunhalaram-nos pelas costas caluniando a sua greve, tudo fazendo para a sabotar e conseguindo por fim impor aumentos de salários da ordem de mil escudos, isto é, menos de metade do que a maioria dos trabalhadores da empresa exigiam.

MINAS DA PANASQUEIRA

Nas minas da Panasqueira a greve desencadeada a 13 de Maio pelos mineiros que exigiam 6 mil escudos de salário

mínimo mensal, um mês de férias subsidiadas, melhores condições de segurança de trabalho (são frequentes os «acidentes» de trabalho) e outras regalias, foi vergonhosamente sabotada pelos reformistas que não hesitaram em recorrer ao racismo para dividir os mineiros portugueses dos cabo-verdeanos, acabando os mineiros por voltar ao trabalho sem terem alcançado grande parte do que justamente reivindicavam.

OPERÁRIOS DA PANIFICAÇÃO

A greve dos operários da panificação foi caluniada pela burguesia e pelos seus lacaios reformistas que aproveitaram o decontentamento contra a falta de pão para virar a população contra aqueles trabalhadores e assim manterem os salários de fome e as péssimas condições de trabalho (horários sobretudo) que são impostas aos operários que eram a maioria absoluta dos grevistas e não os pequenos padeiros arruinados pela concorrência dos grandes monopólios do pão.

MESSA

Os operários desta fábrica situada em Algueirão, tiveram no decorrer da sua exemplar greve com ocupação dos locais de trabalho que se afrontaram com os lacaios reformistas que combatiam constantemente as suas reivindicações (6 mil escudos de salário mínimo para os adultos e de 3500\$00 para os menores; 40 horas semanais; um mês de férias subsidiadas; expulsão dos fascistas notórios; e representação operária no conselho disciplinar da empresa), acabando por promover o fim da greve nas costas da Comissão Operária que dirigiu a luta sem que tivessem sido alcançadas as reivindicações.

Estes são alguns dos exemplos concretos da traição reformista, da traição dos aficcionados dos partidos de Cunhal e de Soares, das CDEs, da Intersindical e movimentos afins. Estes são alguns exemplos

(Continua na 4.ª pág.)

A GREVE NOS CTT

(Continuação da 1.ª pág.)

apoiar-se para as suas manobras anti-greve nas categorias pior pagas que apoiaram resolutamente a greve mas, pelo contrário, eles vão apoiar-se nas categorias de pessoal que já ganha entre 8 mil e 20 mil escudos (técnicos de telecomunicações, por exemplo) a quem não interessava a greve e para quem a saúde da economia capitalista constitui uma preocupação real. Estas categorias de privilegiados serviu-se do mais acabado corporativismo para negar a representatividade indiscutível da Comissão Pró-Sindicato pretendendo fazer o seu próprio sindicato.

Não sendo contudo ainda suficiente esta manobra para fazer parar o movimento grevista, os reformistas recorrem por fim à sabotagem declarada. E assim que os reformistas organizam manifestações «espontâneas» anti-greve junto dos edifícios dos CTT em várias localidades do país. Muitos dos manifestantes traziam na lapela emblemas do P«C»P e da C«D»E e sempre que alguém tentava falar para defender o movimento grevista apareciam imediatamente 9 ou 10 rafeiros reformistas para impedir-lo de prosseguir recor-

rendo para tal à calúnia — «é pidi!» — e à força.

Um exemplo característico destas manifestações «espontâneas» foi a ocorrida na Batalha, no Porto, em que estava presente um conhecido elemento do Movimento «Democrático» Português (M«D»P), Horácio Guimarães, que instigava os manifestantes dizendo que «os trabalhadores dos CTT são todos uns inconscientes». Nesta manifestação estavam igualmente presentes elementos tidos como legionários fascistas, o que nos mostra também quem é que se conluia de facto com as forças da pior reacção, se os trabalhadores nas suas justas reivindicações, se todos estes falsos amigos dos trabalhadores.

Estes mesmos «democráticos» elementos não impediam só de falar aqueles que discordassem com as suas opiniões reformistas como também diziam que «se devia prender os instigadores da greve» (era o que fazia a Pide) e que «era preciso descontar um mês de ordenado a todos os grevistas» (o que seria uma inovação nos anais da repressão de greves).

Estas atitudes passaram-se em todos os pontos do país onde houve manifesta-

ções deste tipo organizadas pelos reformistas.

Estes acontecimentos mostram bem qual a liberdade de expressão que os cunhalistas reservam aos trabalhadores: no tempo do fascismo tínhamos a liberdade de estar calados; agora temos a liberdade de estar de acordo com o P«C»P, o P«S», as C«D»Es, a Intersindical e congéneres.

Após isto não é de surpreender que uma das razões que levaram os grevistas a terminarem a paralisação tenha sido o perigo real que corria a integridade física de muitos trabalhadores!

A GREVE É UMA ARMA DOS TRABALHADORES

Apesar de a greve ter terminado com uma derrota momentânea para os trabalhadores dos CTT, apesar de as manobras dos reformistas, as suas calúnias, terem conseguido em parte isolar os trabalhadores dos CTT do resto dos trabalhadores de Portugal, esta greve foi rica em ensinamentos que os trabalhadores não deixarão certamente de retirar.

A força dos trabalhadores dos CTT é imensa e o seu elevado número uma pode-

rosa arma contra a burguesia e a exploração capitalista; a sua unidade saiu incontestavelmente fortalecida deste combate e os seus verdadeiros amigos e os seus inimigos demarcaram-se com grande clareza ante a greve; os reformistas desmascaram-se aos seus olhos como agentes declarados do capitalismo; os erros cometidos pela Comissão Pró-Sindicato (principalmente o desprezo manifestado pelo lançamento de uma ampla campanha de informação à população) serão certamente corrigidos no decorrer das próximas batalhas; todos os trabalhadores ganharam uma apreciável experiência de luta que os faz temidos pela burguesia e o seu Estado.

Como foi comunicado, os trabalhadores elaboraram um novo caderno reivindicativo e estão dispostos a continuar a luta pela sua satisfação total. Diante a recusa sistemática da burguesia e dos seus ministros reformistas em cederem às justas exigências dos trabalhadores, os revolucionários sabem que os trabalhadores têm o direito absoluto e inalienável de recorrer à greve. Que todos os trabalhadores de Portugal se solidarizem com a luta dos camaradas dos CTT, que todos os revolucionários a apoiem consequentemente!

LUTEMOS CONTRA OS DESPEDIMENTOS

— COMUNICADO DO COMITÉ SUB-REGIONAL DO PORTO DO P. C. P. (M-L)

O Comité sub-regional do Porto do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) — PCP (m-l) — distribuiu o seguinte comunicado:

CAMARADAS:

Do norte ao sul do país grandes vagas de despedimentos têm atingido os trabalhadores, em particular as camadas mais exploradas, as mulheres, os operários mais idosos e os jovens antes do serviço militar. No Norte contam-se os milhares de operários e operárias lançados para a rua por esta vaga de despedimentos. Em Braga, S. João da Madeira, Ribadouro, Arrifana, Guimarães, Pevidem, Famalicão, Trofa, Maia, Ovar, Espinho, Grijó, em toda a zona do Porto e arredores, etc., é por dezenas e centenas que os trabalhadores são atirados para o desemprego. É sobretudo na indústria têxtil que se verificam esses despedimentos, mas outras indústrias são tocadas, como a metalurgia, o calçado, a cordoaria, etc., e mesmo certos ramos comerciais.

Estes despedimentos não são devidos à falta de trabalho, pois as fábricas e oficinas não lhes faltam encomendas e têm agora a «ajuda» do Governo Provisório que criou um «Instituto da Pequena e Média Empresa» para defender os interesses dos capitalistas e patrões.

Os despedimentos são devidos exclusivamente aos patrões, que vivem à custa do suor e do sangue dos trabalhadores, e que não estão dispostos a pagar a cédula que neste momento é o salário mínimo de 3300\$00.

Não é pois por falta de trabalho que há despedimentos, pois os patrões despedem uma mas logo a seguir vão contratar outros, menores de 20 anos, sobretudo crianças, aos quais vão pagar salários de miséria, que lhes permitem arrecadar no fim do ano centenas e milhares de contos.

FRENTE AOS DESPEDIMENTOS A LUTA DOS TRABALHADORES

Mas, frente aos despedimentos, a classe operária e as massas trabalhadoras têm oposto uma firme resistência. E assim há casos em que os trabalhadores despedidos recusam o despedimento e apresentam-se ao trabalho como de costume, obrigando o patrão a aceitá-los na fábrica. Tais casos já se passaram em S. João da Madeira, Ovar, Arrifana e noutras vilas.

Noutros sítios, os trabalhadores têm utilizado formas de luta ainda mais eficazes, tal como aconteceu nas recentes greves têxteis na Corda do Ave, aonde todos os trabalhadores, ao saberem dos despedimentos, pararam de trabalhar exigindo que o patrão reintegrasse imediatamente todos os companheiros despedidos. Em algumas fábricas, ao fim de 2 ou 3 horas de greve, os operários despedidos voltaram ao trabalho.

Frente à pronta resposta destes trabalhadores os patrões foram obrigados a recuar e a aceitar a reintegração.

AS MANOBRAS DA INTERSINDICAL E DO PARTIDO DE CUNHAL

No entanto, frente aos despedimentos, os trabalhadores não têm só que defrontar os patrões, mas também as tentativas de abafar as suas lutas e

de os dividir, dos rafeiros da Intersindical e dos falsos «comunistas» do Partido de Cunhal. Estes, que antes do 25 de Abril, para não perderem a máscara de «revolucionários» e de «defensores dos interesses dos trabalhadores», diziam lutar pelas reivindicações dos trabalhadores, agora dizem-lhes para terem calma e não fazerem greve.

Antes, afirmava a Federação dos Sindicatos Metalúrgicos (que agora faz parte da Intersindical) que na luta pelo salário mínimo de 6000\$00 estava «em jogo um aspecto essencial da nossa vida» e que só esse salário «permite uma vida digna e humana» (circular n.º 1, 73-75). Agora traem os trabalhadores metalúrgicos e vêm dizer que esse salário provocaria o «caos económico», admitindo, pelos vistos, que os trabalhadores metalúrgicos adiem para o futuro essa «vida digna e humana».

Antes, o «Avante» dizia que «a luta é o único caminho» (n.º 462, Fev. 74) para combater o custo de vida, os salários de fome, os despedimentos. Agora já não têm necessidade de se mostrar tão «revolucionários», por isso afirmam «que há hoje condições mais favoráveis para o diálogo e a negociação» («Avante» legal n.º 2, 24-5-74) com os patrões e vêm-se patrões e conselhos de administração que, para recusar as reivindicações operárias, citam o que o ministro Álvaro Cunhal disse sobre «que não se devia fazer greve».

Com os despedimentos passa-se a mesma coisa. Como estes rafeiros não querem que os trabalhadores lutem, insultam as greves de «reaccionárias» (como fizeram recentemente com a greve dos CTT), e fazem tudo para os confundir e os dividir, colocando-se deste modo ao lado dos patrões, que assim se sentem mais à vontade para continuar os despedimentos.

A POSIÇÃO DO NOSSO PARTIDO

Camaradas! Os despedimentos não vão acabar, nem diminuir. Em muitas fábricas existem listas de operários a despedir que os patrões tentam impor. Para o fazer vão aproveitar-se dos rafeiros da Intersindical e do partido revisionista de Cunhal, que estão ao lado deles para evitar as greves, para criar ilusões no «diálogo» com os patrões.

Frente a esta situação, o Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), o partido dos comunistas portugueses reorganizado depois da traição revisionista de Cunhal, aponta aos operários e a todos os trabalhadores um só caminho: os comunistas não pretendem sufragar a luta da classe operária conduzindo-a para o «diálogo» com os patrões, que nada mais serve senão para quebrar o ânimo combativo da classe e fazer o jogo da burguesia e dos seus aliados do Governo Provisório.

É dentro desta perspectiva que o Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) apoia a via que os operários têm seguido na luta contra os despedimentos, a via da greve imediata seguida da ocupação da fábrica até que o patrão ceda, afirmando claramente que o

direito ao trabalho para todos não se negocia.

Os comunistas esforçam-se, portanto, para impulsionar a luta, e mais, para conseguir que ela não se fique apenas pelas reivindicações imediatas, mas evolua para grandes movimentações de massas contra o governo dos militares fascistas e dos partidos da burguesia, e para que a luta dos operários, dos trabalhadores e de todos os explorados se oriente para a insurreição popular armada que há-de levar ao poder o governo dos operários e dos camponeses.

É por isso que se torna necessário não ceder às manobras dos reformistas da Intersindical, dos revisionistas do «Avante!», que nada mais querem senão defender os interesses da burguesia representados no Governo Provisório.

Só através de uma firme direcção revolucionária e combatendo as ilusões, que os traidores querem espalhar, se pode levar eficazmente para a frente a luta contra os despedimentos assim como as outras reivindicações económicas dos trabalhadores, e fazer evoluir as lutas dispersas por aumentos salariais para grandes movimentações da classe operária contra o governo dos militares fascistas e dos partidos da burguesia, instrumento do capitalismo, causa última do sofrimento do povo.

CAMARADAS! CONTRA OS DESPEDIMENTOS — GREVE COM OCUPAÇÃO DA FÁBRICA!

EM FRENTE NA LUTA PELA PAZ, PELO PÃO, PELA TERRA, PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E PELA LIBERDADE!

VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICO-POPULAR!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA DE PORTUGAL (marxista-leninista)!

Porto, 21 de Junho de 1974.

Comité sub-regional do Porto do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista)

OPERÁRIAS VENDEM AO PÚBLICO O QUE FABRICAM

Estes um panfleto das operárias da Sogantal que têm vendido directamente ao público o que fabricam e onde estas camaradas explicam as circunstâncias que as levaram a utilizar este meio de luta contra o arbítrio patronal:

PORQUE VENDEMOS

No dia 31 de Maio, deveríamos ter recebido o salário correspondente à quinzena de 15 a 31 de Maio.

Esse salário não nos foi pago pela empresa Sogantal, filha de uma fábrica francesa de nome Lamont.

Como se torna evidente, o dinheiro que não nos pagaram faz-nos falta. Os nossos salários são miseráveis. Basta dizer que com o aumento para 3300\$00 o máximo que alguma de nós ganhará nesta quinzena é de 1200\$00. Portanto, sem este dinheiro vivimo-nos condenadas a passar fome.

No dia 5 de Junho comunicámos aos nossos patrões

Soldados em Angola recusam-se a combater

Os soldados da 2.ª Companhia do Batalhão 4519 com quartel em Tchivovo, em Angola, aprovaram no passado dia 31 de Maio uma declaração do seguinte teor:

Vlemos para Angola após o 25 de Abril e alguns de nós vieram porque a queda do fascismo se deu, esperando que dentro em breves dias uma solução política resolvesse essa triste situação de guerra que se vem arrastando há treze anos. Não mais queremos sujeitar-nos a morrer ou a matar, já que está decidido que a solução desta guerra colonial é política e não militar.

Durante os poucos dias que temos de comissão, o que nós temos feito é escutar a Rádio, aguardando os resultados das conversações em Londres. Se relativamente à Guiné e Moçambique há um certo optimismo, no que respeita a Angola a situação torna-se cada vez mais grave. Temos conhecimento dos últimos ataques em força a alguns aquartelamentos no Norte de Cabinda. Talvez o MPLA veja que este é o caminho para exigir conversações.

Acontece que nesta Companhia foi recebida hoje às 20 horas uma mensagem para manter preparados dois grupos de combate para actuar possivelmente no Norte. Conscientes da nossa condição de homens livres e não de animais cujo fim é o matadouro, nós, elementos constituintes desta Companhia, recusamos-nos peremptoriamente a tomar parte em tais operações.

Esta declaração é assinada por cerca de 130 nomes de soldados integrados naquela companhia do exército colonialista português, tendo chegado a Portugal por iniciativa dos próprios soldados.

A posição tomada por estes soldados é uma justa posição que deve ser apoiada por todos os anti-colonialistas. Recusar participar nos combates contra os heróicos guerrilheiros dos povos das colónias, exigir a retirada imediata das tropas portuguesas de Angola, Guiné (Bissau) e Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor, exigir o regresso imediato dos soldados — é o dever internacionalista de todos os filhos do povo português fardados que se encontram nas colónias.

REGRESSO DOS SOLDADOS, JÁ!

OS ESTUDANTES EM LUTA POR UM ENSINO AO SERVIÇO DO POVO

Lutando contra as correntes reformistas e aventureiras que procuram desviar o movimento estudantil de justos objectivos, é cada vez maior o número de estudantes que orientam o seu trabalho por uma linha de acção que vai progressivamente ligando e integrando as lutas estudantis no combate do povo de Portugal pelo Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade e a Independência Nacional.

Estes um documento disto comprovativo adoptado recentemente numa Reunião Geral de Alunos da Faculdade de Medicina do Porto:

Hoje, depois do Movimento das Forças Armadas ter tomado o poder, em que se reconhece o Direito de Reunião e Associação, a nossa voz mais facilmente poderá chegar ao Povo.

Durante estes anos o Movimento Associativo nas faculdades tem vindo a desenvolver-se, apesar de todas as tentativas feitas pelas autoridades para o aniquilar.

Durante os dois últimos anos a nossa Associação foi saqueada, todo o material que pertencia aos estudantes passou para as mãos da Pide, os nossos dirigentes foram presos, camaradas nossos foram presos, multados e suspensos.

O Governo e as autoridades suspenderam colegas nossos e proibiram qualquer reunião e distribuição de comunicados e mandaram arrancar os nossos cartazes.

Instalaram um piquete da P. S. P. na faculdade, mesmo durante as férias, que guardava o BAR, a Secretaria, a sala do Conselho, que com uma rede de bufos rondava o Hospital, procurando «apanhar» os estudantes, apanhá-los em flagrante a «cometer o crime» de afixar um cartaz ou a reunir, e colocá-los através das «suspensões preventivas» imediatamente, e muitas vezes sem a mínima prova, fora das escolas.

Hoje dizem-nos que tudo isto acabou... E de facto a polícia já não está na faculdade, os estudantes suspensos começam a ir às aulas, conquistamos aquilo que nos pertence e que o Centro Universitário fascista guardava em nosso nome.

No entanto, a nossa dura experiência sempre nos ensinou a desconfiar de vitórias fáceis, a experiência das lutas anteriores ensinou-nos a nada esperar de ajudas, a contar com nós próprios, com a nossa organização, com a nossa unidade em torno de objectivos progressistas. Ensinou-nos sobretudo a contar com o apoio daqueles que nada têm a perder ao lutar contra a situação existente, mas tudo a ganhar; com aqueles que mais sofreram com o regime deposto, com o Povo, com os trabalhadores dos campos, das fábricas, com os operários e camponeses de Portugal!

Mas o Povo pouco sabia da nossa luta, o governo tudo tentava para lhe esconder.

Muitas e muitas vezes os barriguetas dos ministérios vieram à televisão caluniar as lutas dos estudantes, muitas e muitas vezes se publicaram notas oficiosas em que as lutas eram distorcidas e deturpadas e os nossos objectivos escamoteados.

Faziam-nos passar por inúteis, por meninos do papá, por arruaceiros que andavam a tirar copos de leite ao Povo, como dizia o Veiga Simão.

Agora que a nossa voz pode chegar ao Povo, queremos afirmar bem alto que nunca exigimos privilégios; o que queremos, o que sempre quisemos foi acabar com eles.

Nós não queremos ser médicos de Mercedes à porta, de consultório chique e clientela escolhida.

Nós não queremos ser médicos numa sociedade em que a medicina para os trabalhadores é uma medicina de 2.ª feita à pressa nas Caixas de Previdência.

Nós não queremos ser médicos em Hospitais em que há tratamento diferente para quem tem ou não tem dinheiro, onde às vezes em alguns serviços é possível, pelo cheiro e de olhos fechados, distinguir onde estamos, se nas enfermarias se nos quartos particulares.

Nós não queremos ser médicos nos campos e nas fábricas, se lá servirmos apenas para pormos os trabalhadores em condições de trabalhar, de pelo seu trabalho encher a pança de meia dúzia de exploradores.

NÓS QUEREMOS SER MÉDICOS NUMA SOCIEDADE QUE O POVO GOVERNE E DIRIJA, EM QUE OS SEUS INTERESSES SEJAM CONSEQUENTEMENTE DEFENDIDOS!

E por isso que hoje, reunidos em R. G. A., e depois de termos ocupado e conquistado a sala da Associação, as salas da extinta Escola Médica, e de todo o material que lá se encontrava, do Salão de festas e da gestão do BAR, e de expulsarmos da nossa faculdade os bufos de todos os quilates, desde os continuos aos professores.

SAUDAMOS O POVO PORTUGUÊS, a sua participação activa em todos os aspectos da vida política, que agora se inicia e confiamos que o Povo saberá reforçar a sua consciência e avançar a sua luta pela LIBERDADE, pela PAZ, pelo PÃO, pela TERRA e pela INDEPENDÊNCIA!

E na sua luta e no seu exemplo que vamos buscar o nosso entusiasmo e a nossa coragem quando lutamos por um ensino ao seu serviço!

NO PRÓXIMO NÚMERO:

ENTREVISTA COM SINDICALISTAS REVOLUCIONÁRIOS

AS OPERÁRIAS DA SOGANTAL

EDITORIAL

(Continuação da 2.ª página)

com um carácter de massas e apoia os Comitês de Luta Anti-colonial e Anti-imperialista (CLACs «Vencerão!») que têm vindo a prosseguir desde há 5 anos um trabalho de mobilização das massas contra a guerra colonial assassina.

★

«A Verdade» defende a unidade popular dos operários e camponeses. «A Verdade» saúda e apoia as lutas dos trabalhadores da terra contra os grandes senhores latifundiários, os ricos proprietários, os rendeiros, os intermediários e todos os que exploram os assalariados agrícolas e os camponeses pobres de Portugal. «A Verdade» denuncia a política de abandono da aliança operária-camponesa seguida pelos cunhalistas que deixaram as amplas massas oprimidas dos campos sob a influência dos politiquinhos reaccionários republicanos e liberais que pretendem utilizá-las como força de choque contra o proletariado revolucionário.

Só a Revolução Democrático-Popular dará a TERRA a quem a trabalha e realizará uma Reforma Agrária que servirá os interesses das amplas massas exploradas do campo.

★

«A Verdade» bater-se-á contra todas as tentativas da reacção fascista em restabelecer a sua ditadura. «A Verdade» denunciou e combaterá a repressão que a burguesia no poder já vem fazendo abater sobre as lutas revolucionárias das massas e, em particular, a repressão social-fascista que os falsos «democratas» se preparam para desencadear sobre os revolucionários e todas as forças que se lhes opõem. A Revolução Democrático-Popular assegurará a LIBERDADE para os trabalhadores exercendo uma ditadura férrea sobre a minoria burguesa exploradora.

★

Portugal, país opressor de outros povos, é simultaneamente um país dependente do imperialismo internacional. «A Verdade» denunciou constantemente a exploração desenfreada que o capital estrangeiro leva a cabo no nosso país. A Revolução Democrático-Popular expulsará de Portugal o imperialismo e romperá as alianças militares e políticas reaccionárias que os governos burgueses salazaristas ou spinoletas celebraram ou virão a celebrar com o imperialismo, reconquistando a INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

4. Este é o primeiro número de «A Verdade». Ele certamente encerrará defeitos e limitações que só podem ir sendo vencidos e ultrapassados através das críticas e sugestões dos seus leitores. «A Verdade» conta e confia com as iniciativas dos seus leitores e amigos neste campo e no sentido de poder iniciar já no próximo número uma secção de correio do leitor onde venham expressas as suas opiniões, sugestões, críticas e informações.

Entre um jornal semanal que não chegue às mãos dos operários, dos camponeses, dos soldados e marinheiros e de outros trabalhadores e um jornal quinzenal com a difusão de massa, nós não vacilamos em optar no imediato por uma periodicidade quinzenal. «A Verdade» é assim actualmente quinzenal. Tal não significa, contudo, que não devam depender todos os nossos esforços para que «A Verdade» se torne a curto prazo num jornal semanal, num jornal de mais actualidade que melhor sirva as lutas populares e o movimento democrático-popular e que, ao contrário de ter que baixar para tal a sua tiragem, a aumente.

«A Verdade» apela os seus simpatizantes e amigos a formarem Grupos de Apoio e Difusão de «A Verdade». Só a iniciativa revolucionária, tomando firmemente em mãos a difusão do jornal de norte a sul do país pode tornar num curto espaço de tempo «A Verdade» em semanal.

(...) A missão do jornal não se limita, contudo, a difundir ideias, a educar politicamente e a atrair aliados políticos. O jornal não é apenas um propagandista e agitador colectivo, mas também um organizador colectivo. Neste último sentido pode ser comparado com os andaimas que se erguem em torno dum edifício em construção, que lhe assinalam os contornos, facilitam as relações entre os diversos operários, auxiliam-nos a distribuir o trabalho e a observar os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado.

— LENINE

A POLÍTICA DE RAPINA OS POVOS IRMÃOS DAS COLÓNIAS VENCERÃO!

(Continuação da 6.ª pág.)

os níveis internacionais. Esses mercados também são utilizados pela nova burguesia soviética para vender os «stocks» de mercadorias cada vez maiores que a URSS possui e que são uma consequência do aprofundamento das contradições antagónicas entre a produção e o consumo, já fenómenos correntes na actual economia soviética.

É esta política de rapina e saque, o verdadeiro carácter da «ajuda» da URSS aos países do «terceiro mundo».

Na América Latina, a URSS tem a sua principal base de apoio em Cuba que depois de se ter libertado da ditadura de Batista e do imperialismo norte-americano caiu sob as garras do social-imperialismo soviético devido sobretudo à política revisionista dos dirigentes castristas.

Para a Ásia em geral, os social-imperialistas soviéticos têm um «plano de segurança colectiva» que é parte integrante dum grande plano estratégico que visa a expansão política e militar da URSS neste conti-

nente e o cerco à República Popular da China. Este plano de «segurança» é um plano contra-revolucionário que serve de instrumento e pretexto para reprimir os movimentos de libertação na Ásia, para abafar o espírito revolucionário neste continente.

Os revisionistas soviéticos agem neste continente como autênticos sapadores-bombelros da Revolução e das lutas anti-imperialistas dos povos (casos do Camboja, da Indonésia, do chamado Bangla-Desh).

Toda esta política expansionista, social-chauvinista e social-imperialista de grande potência não é mais do que o resultado da conversão da URSS de primeira pátria do socialismo em um país de capitalismo reconstruído. Num futuro artigo abordaremos com mais pormenor esta questão, assim como outros aspectos da desastrosa transformação interna que a União Soviética conheceu depois da morte de Stáline e da chegada ao poder da clique de traidores kruchtevistas.

José Alberto

Os trabalhadores em luta pelo pão

(Continuação da 2.ª pág.)

concretos das actividades de sabotagem que estes srs. levam a cabo no decorrer das lutas operárias. Estes são alguns exemplos concretos de colaboração dos reformistas com os patrões. Estes são alguns exemplos concretos que ilustram o que os revolucionários não têm cessado de afirmar de há 10 anos para cá: os reformistas são os agentes da burguesia no seio do movimento operário e popular.

Desta breve exposição ressalta que a principal fraqueza do actual movimento reivindicativo tem sido a falta dum combate consequente e generalizado aos traidores reformistas infiltrados nos sindicatos, no próprio lugar da traição, isto é, na fábrica ou na empresa onde eles tentam cativar com falhinhas mansas os trabalhadores para depois, quando perdem o controlo do movimento reivindicativo, os apunhalarem pelas costas. Desmascarar as manobras dos reformistas, rebater prontamente os seus calúnias, apontá-las e denunciá-las como agentes da exploração capitalista, isolá-los subtraindo as massas à sua influência e arrancando-lhes as direcções dos sindicatos é a condição fundamental que se coloca para a intensificação do actual movimento reivindicativo e para alcançar novas vitórias sobre o patronato.

Mas este combate aos reformistas nos sindicatos e lugares de trabalho tem de ser acompanhado pelo desmascaramento dos cunhalistas, soaristas e outros falsos amigos dos trabalhadores a nível político. Assim, a noventa campanha anti-greve lançada pelos reformistas nos fins do passado mês de Maio, as calúnias que eles lançam constantemente sobre todas as movimentações operárias que não controlam e sobre os verdadeiros revolucionários (lançando aos quatro ventos a calúnia que eles são fomentados ou têm o apoio da burguesia e dos fascistas), as argumentações reaccionárias que desenvolvem sobre o perigo das lutas operárias criarem o caos económico favorável ao contra-golpe fascista, assim como toda a sua actividade política contra-revolucionária no aparelho de Estado burguês, têm de ser prontamente desmascaradas, acompanhando o isolamento dos reformistas na base, junto das largas massas, e no movimento

sindical nomeadamente. É esta a luta ideológica e política que a vanguarda operária, os verdadeiros revolucionários proletários, têm vindo a realizar.

A BURGUESIA PODE PAGAR!

Ao contrário dos reformistas que tudo fazem para travar a luta da classe operária e demais trabalhadores pelo Pão, os revolucionários saudam vibrantemente esta luta e apelam todos os explorados a intensificá-la. Ao contrário dos cunhalistas que levantam constantemente diante das massas o espectro do fascismo para as paralizarem, os revolucionários afirmam que não cabe à classe operária recompor o capitalismo das suas crises mas sim combatê-lo, acelerar a sua queda final, e que só enterrando para sempre o capitalismo se pode afastar para sempre o perigo dum retorno do fascismo. Ao contrário dos falsos amigos do povo que dizem aos trabalhadores para descansarem e depositarem nas pastas dos ministros reformistas a confiança na resolução dos seus problemas, os revolucionários apelam os operários, os camponeses e os trabalhadores de Portugal a prepararem-se para a luta plena de sacrifícios que a Revolução Democrático-Popular impõe. Os revolucionários afirmam: só o derrubamento do Estado burguês e a instauração do Estado dos operários e camponeses trará finalmente o Pão; do capitalismo as classes trabalhadoras só têm a esperar mais miséria e mais sofrimentos.

O falso Partido -Comunista-Português é um partido burguês para operários, no dizer de Lenine. O P-C-P é o defensor da pequena e média burguesias, como ele o confessa expressamente (ver Avante! e várias declarações dos dirigentes cunhalistas), e não o intransigente defensor da classe operária. Por isso a vanguarda da classe operária reconstituiu em 1970 o seu Partido e luta presentemente por edificá-lo ligando-o às massas. Mas, porque tem de superar as mais variadas e pesadas dificuldades na edificação do seu Partido a vanguarda da classe operária ainda não tem força orgânica que lhe permita estar presente em todas as frentes de luta, comandar as massas na luta pelo Pão, des-

que os reformistas neo-colonialistas oferecem ao povo de Portugal!

Combater intransigentemente o chauvinismo imperialista é, hoje como ontem, a base dum real solidariedade com os povos das colónias. Combater o chauvinismo significa não somente combater o odioso nacionalismo militarista da burguesia colonial-fascista, mas igualmente lutar contra o social-chauvinismo disfarçado, socialista nas palavras, mais subtil, dos social-democratas, dos cunhalistas e de toda a pandilha de falsos amigos dos povos.

AS TAREFAS DOS ANTICOLONIALISTAS

Só emancipando as massas da tutela ideológica, política e organizativa dos cunhalistas, dos soaristas e de toda a pequena-burguesia social-chauvinista e neo-colonialista, podem os verdadeiros revolucionários fazer desabro-

char um vasto movimento popular anticolonial de carácter internacionalista. É neste sentido que lutam desde há 5 anos os Comitês de Luta Anti-Colonial e Anti-Imperialista (CLACs «Vencerão!»), é neste sentido que devem lutar todas as organizações autenticamente anticolonialistas.

Combater pelo fim imediato da guerra exigindo a retirada e repatriamento de todos os exércitos coloniais; exigir o fim dos embarques para as colónias; denunciar as manobras neo-colonialistas da burguesia spinoletista e dos seus agentes reformistas no seio das massas trabalhadoras; denunciar todos os movimentos patrióticos fanteoches que impulsionados pela burguesia portuguesa e o imperialismo internacional têm vindo a aparecer nas colónias como candidatos a dialogar com as autoridades portuguesas os interesses dos povos coloniais que não representam; apoiar incondicionalmente a luta armada popular de libertação nacional conduzida pela FRELIMO, o MPLA e o PAIGC representantes legítimos dos povos de Angola, Guiné (Bissau) e Moçambique; apoiar as justas posições que os movimentos de libertação nacional defendem nas conversações que mantêm com a burguesia portuguesa; denunciar as conspirações do imperialismo internacional e dos fascistas da África do Sul e da Rodésia contra os povos das colónias; denunciar e combater todas as tentativas de independência minoritária branca racista nas colónias; apelar os soldados e marinheiros a recusarem partir para África organizando a luta anticolonial no seio do exército; edificar e fortalecer o movimento da unidade revolucionária anti-colonialista e anti-imperialista na base dos princípios internacionalistas dando-lhe um amplo carácter de massa — eis as tarefas essenciais de todos os autênticos amigos dos povos irmãos das colónias até à sua independência completa e total.

dir um dia de trabalho para o Estado burguês (!), os trabalhadores devem dizer: tanto melhor se o capitalismo se afunda, e redobrar a intensidade dos golpes sobre este odioso sistema de exploração.

As recentes lutas dos trabalhadores pelo Pão são extremamente ricas em ensinamentos. Elas mostram claramente quem são os amigos sinceros e quem são os falsos amigos dos trabalhadores; elas apontam claramente que os explorados no seu combate contra esta sociedade odiada só podem contar consigo mesmos e com as suas próprias forças.

Saber tirar os ensinamentos das vitórias alcançadas e das derrotas sofridas, aplicar as soluções que se impõem às lutas pelo Pão que todos os dias despontam de norte a sul do país, perspectivar estas lutas no quadro da Revolução Democrático-Popular vencendo o oportunismo dos «revolucionários» de garganta que se acomodaram na democracia-burguesa, são tarefas que se colocam aos elementos avançados da classe operária e a todos os trabalhadores revolucionários.

Só a Revolução Operária e Camponesa, só o Poder Democrático-Popular levando à prática o programa revolucionário da classe operária trará definitivamente o Pão aos trabalhadores de Portugal, assim como trará a Paz, a Terra, a Liberdade e a Independência Nacional.

Para lá de todas as manobras da burguesia

OS POVOS IRMÃOS DAS COLÓNIAS VENCERÃO!

Conduzindo uma guerra popular prolongada de libertação nacional, os povos de Angola, Guiné e Moçambique deram prova suprema da vontade de ferro que os anima em alcançarem a independência total dos seus países. Compreendendo e levando corajosamente à prática o princípio de que a vitória sobre a exploração e a opressão só se encontra na ponta duma espingarda, os povos coloniais têm alcançado magníficos sucessos militares, políticos e diplomáticos sobre o colonialismo português. Estes dez anos de luta armada dos povos das colónias contra o domínio estrangeiro tem cativado igualmente a simpatia e o apoio dos povos do mundo assim como dum número

pelos seus antecessores fascistas.

Perante esta situação, cabe mais do que nunca à classe operária, ao povo português e aos verdadeiros anticolonialistas e anti-imperialistas erguerem as suas posições de princípio internacionalistas, desmascararem as manobras da burguesia e reafirmarem a solidariedade activa e total com os povos coloniais até à independência completa.

AS MANOBRAS DA BURGUESIA

Desde o desencadeamento nos inícios da década de 60 das guerras populares de libertação nacional das colónias que os autênticos revo-

lucionários e os anticolonialistas consequentes apontaram ao povo português como os seus mais directos aliados na luta contra o fascismo e o capitalismo, os povos das colónias. Os últimos acontecimentos na vida política nacional, a queda da ditadura salazarista-caetanista, foram a prova real da justeza desta afirmação.

A ditadura que oprimia o povo português há mais de 48 anos não podia sobreviver à derrocada do império colonial! Tal era a clara conclusão que se retirava da análise das condições específicas em que se processava o desenvolvimento do capitalismo em Portugal. O capitalismo no nosso país, baseado na super-exploração das colónias (importação de matérias-primas a baixo preço e escoamento dos produtos manufacturados para os mercados africanos), não podia deixar de conhecer com o desencadeamento das guerras de libertação nacional a mais grave crise da sua história. E assim que a burguesia, consciente dos perigos que corre, responde às aspirações dos povos africanos à independência com as criminosas guerras coloniais procurando nomeadamente ganhar tempo para, com a ajuda do imperialismo internacional, industrializar o país reestruturando a economia independentemente do espaço colonial. Jogando com as concessões feitas ao imperialismo, a burguesia portuguesa tenta simultaneamente ligar-se e integrar-se na economia capitalista europeia.

Mas esta reestruturação não podia deixar igualmente de levantar toda uma série de contradições entre sectores e grupos da burguesia —

Nesta reacção tarefa de tentar tornar as largas massas de trabalhadores cúmplices das conspirações da burguesia contra os povos coloniais, destacam-se os falsos amigos do povo soaristas e cunhalistas. Também na questão colonial os falsos «socialistas» do P«S» e os falsos «comunistas» do P«C»P são os agentes da burguesia no seio da classe operária e das massas populares. Vejamos resumidamente porquê.

O NEOCOLONIALISMO DE SOARES E CUNHAL

O grande dirigente operário Lênine disse que numa guerra reacçãoária, a classe revolucionária não pode deixar de desejar a derrota do seu governo. Lênine afirmava ainda:

O centro de gravidade da educação internacionalista dos operários dos países opressores deve residir na propaganda e defesa efectiva do direito dos povos oprimidos a se separarem da metrópole. Sem isso não há internacionalismo possível. Nós podemos e devemos chamar imperialista e patife a todo o socialista dum Estado opressor que tal não faça.

São estes ensinamentos que os soaristas e cunhalistas procuram ocultar ao proletariado e ao povo português espalhando no seu seio o chauvinismo imperialista e a traição aos deveres internacionalistas.

Tudo fazendo para impedir que os operários, os camponeses, os soldados e marinheiros se mobilizem num amplo movimento anticolonial que exija o fim imediato da guerra, a retirada dos exércitos coloniais e a independência total e completa para as colónias, cunhalistas e soaristas empregam a fundo a sua influência sobre as massas trabalhadoras para as paralizarem, deixando a burguesia de mãos livres para se entregar às vis manobras a que nos já referimos sumariamente. Esta actividade criminosa dos soaristas e cunhalistas tem várias facetas cujo verdadeiro carácter neo-colonialista tem de ser posto a nu constantemente aos olhos dos trabalhadores. Só isolando e aniquilando a influência desses agentes da burguesia no seio das massas pode o movimento popular anticolonial se desenvolver numa base internacio-

nalista, educar as largas massas e cumprir as tarefas de mobilização do povo contra a guerra. A Verdade, como jornal popular anticolonialista e anti-imperialista, não poupará esforços para ajudar a desmascarar todos os saboteadores da luta de massas anticolonial e em particular os neo-colonialistas do partido de Cunhal.

Os rafeiros do P «C» P, das CDEs, etc., falam muito na realização duma ampla consulta sobre a questão colonial indo por vezes ao ponto de agitar a ideia da realização dum referendão que permitisse ao povo português votar sobre o futuro das colónias(1)

Como se sabe, os verdadeiros comunistas e todos os revolucionários autênticos proclamaram há muito como questão de princípio o direito inalienável dos povos de disporem de si mesmos e a resolverem as suas questões nacionais independentemente de toda e qualquer interferência estrangeira. Ora, o que os falsos «comunistas» do tipo de Álvaro Cunhal fazem ao reclamarem amplas consultas e proporem referenduns sobre a questão colonial é negarem na prática o direito dos povos a disporem de si mesmos, é traírem vergenhosamente na prática como vulgares imperialistas a posição de princípio que os comunistas e os revolucionários assumiram desde sempre diante deste direito sagrado dos povos de todo o mundo. O que os cunhalistas fazem é tentar arrastar as massas trabalhadoras de Portugal para uma escandalosa interferência na vida dos povos irmãos das colónias, para uma posição de paternalismo chauvinista e racista sobre o futuro daqueles povos, atitude que nada tem a ver com uma posição internacionalista — e que só serve objectiva e subjectivamente as manobras da burguesia. Que diríamos nós se amanhã qualquer povo do mundo reclamasse para si o direito de se exprimir sobre a nossa independência nacional e de se imiscuir nos assuntos internos do nosso país? Ou será que os cunhalistas consideram que a luta dum povo pela independência nacional não é um assunto interno desse povo?

Os reformistas soaristas e cunhalistas falam muito no fim da guerra mas ficam por esta exigência. O fim da guerra toda a burguesia o deseja ardentemente! Mas que fim? Um fim que repre-

sente a consagração da vitória completa dos povos africanos ou um fim que venha ao encontro dos interesses neo-colonialistas da burguesia? A que fim se referem os reformistas?

Como se sabe os reformistas recusam-se a mobilizar as massas para a luta contra a guerra e pela independência imediata das colónias que comece desde já a ser concretizada com a retirada dos exércitos expedicionários e com o fim dos embarques de soldados para África. Os verdadeiros revolucionários e anticolonialistas exigem: *Retorno dos Soldados, Já! e Nem mais Um Só Soldado para as Colónias!* Eis justas palavras de ordem que encerram uma luta consequente pelo fim da guerra e pela imediata independência das colónias, indo simultaneamente ao encontro dos mais sentidos desejos do povo português que vê os seus filhos partir para África há mais de dez anos! Perguntamos: já alguma vez leu o leitor no *Avante!*, no *Portugal Socialista*, na *Seara Nova*, no *Opinião*, no *Notícias da Amadora* ou em qualquer outro pasquim reformista estas palavras de ordem? Já alguma vez as ouviu gritadas nos comícios e manifestações realizadas pelos reformistas? Evidentemente que não!

Os reformistas não desejam o fim imediato da guerra com a independência total das colónias. Por isso eles não compartilham aquelas justas palavras de ordem e metem o acento tónico de toda a sua actividade no apoio às negociações da burguesia portuguesa com os movimentos de libertação. Por isso eles convidam os desertores e refractários a regressar ao país e a submeterem-se às ordens do exército se forem mobilizados para as colónias.

Mário Soares com a bênção de Cunhal e de toda a burguesia parte para Londres, Lusaka ou Argel negociar os negócios da burguesia em África, ganhar tempo tentando ludibriar os patriotas africanos e jogar a cartada neo-colonialista, mas diante das posições firmes do PAIGC e da FRELIMO, eles são obrigados a confessar que não se devem esperar resultados espetaculares e que a resolução do problema ainda está longe (palavras de Cunhal e Soares respectivamente). Eis as perspectivas de fim da guerra

(Continua na página 4)



A luta popular armada é invencível!

crecente de países e organizações internacionais.

Allando as vitórias militares nas frentes de batalha aos êxitos na construção duma vida nova nas regiões libertadas e aos sucessos alcançados nos campos político e diplomático internacionais, os movimentos patrióticos afirmaram-se de forma indelével como os únicos legítimos representantes dos povos coloniais. A burguesia portuguesa, vergastada por sucessivas derrotas e debatendo-se com a grave crise intestina por elas provocada no seio da sua classe, foi obrigada a reconhecer a impossibilidade de vencer militarmente os povos coloniais em armas e a sentar-se à mesa das negociações com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Eis um facto que encerra uma pesada derrota para a burguesia colonialista portuguesa e para o imperialismo internacional e, simultaneamente, é uma renovada confirmação de que A GUERRA DO POVO É INVENCÍVEL!

Mas, ao mesmo tempo que mantém conversações, a burguesia continua procurando outras saídas para a sua situação desesperada, continua procurando manter a exploração e privilégio coloniais sob novas formas, recorrendo para tal a malabarismos de palavras que escondam as suas reais intenções e a manobra de bastidores. Cozinhando como é seu hábito a mentira e a demagogia com a repressão, o governo spinolista da burguesia portuguesa continua a prosseguir as criminosas guerras coloniais iniciadas

Por isso a burguesia substituiu a 25 de Abril último os seus governantes!

Resumindo, foram sobretudo as heróicas lutas dos povos sob domínio colonial português que revelaram à luz do dia o ponto mais fraco da burguesia, obrigando-a a empreender modificações no seu aparelho de Estado substituindo a sua ditadura fascista por uma ditadura de tipo democrático-burguês que, pensa ela, poderá vir a salvar da ruína total o odioso sistema de exploração do Homem pelo Homem seja em Portugal seja nas colónias.

E nesta linha que a burguesia portuguesa conduz actualmente a sua política colonial: ela continua na senda de ganhar tempo para proceder em Portugal às suas reestruturações não só económicas como agora, após o golpe de Estado de 25 de Abril, políticas e sociais também, com o fim de encontrar uma retaguarda segura e capaz que lhe permita jogar a cartada do neo-colonialismo. Muitas são as declarações disto anunciadoras proferidas por personalidades mais ou menos oficiais que o Movimento das Forças Armadas colocou no poder. Quando se ouve falar em preservar os legítimos interesses dos nossos compatriotas no ultramar, em ampla consulta nacional sobre a questão colonial, em federações, referenduns e autonomias e outras palavras e frases do mesmo tipo, a classe operária, o povo português e todos os anticolonialistas sinceros devem saber que estão em face de mais manobras da burguesia que procura torná-los seus cúmplices no prosseguimento da exploração e opressão colonialista.

Mas esta reestruturação não podia deixar igualmente de levantar toda uma série de contradições entre sectores e grupos da burguesia —



Apoiemos activamente a luta dos povos das colónias

EXPOSIÇÃO

Sobre a China e a Albânia

No centro da cidade do Porto, junto ao hospital de Santo António, esteve a decorrer na primeira quinzena de Junho uma exposição da Associação de Amizade Portugal-China-Albânia (AA PCA) sobre a vida e a luta dos povos da China e da Albânia. Vistaram-na milhares de pessoas — operários, empregados, estudantes, professores, etc. — que apreciaram os vários expositores, gerando-se discussões à volta dos assuntos tratados, tendo-se muitas centenas de visitantes inscrito como sócios da associação.

A encerrar a exposição nesta cidade realizou-se um colóquio onde se debateram

nado a classe parasitária dos capitalistas em 1944 na Albânia e em 1949 na China; sobre a agricultura socialista, onde se mostra como os camponeses, aliados dos operários, de escravos que eram antes da Revolução passaram a senhores dos seus destinos, organizando eles próprios a agricultura em moldes colectivos e assenhoreando-se das terras dos ricos e dos senhores feudais; sobre a mulher, onde se mostra como as mulheres chinesas e albanesas têm conquistado a igualdade absoluta com o homem, lutando tenazmente para isso. Muitos outros temas são abordados tais como: o exército popular, as milícias, os

destes países socialistas e de a concretizar organizando-a. Trata-se de criar um amplo movimento de apoio à República Popular da China e à República Popular da Albânia, susceptível de desempenhar o papel de esclarecimento popular sobre a construção do socialismo nestes países (em todos os aspectos: político, económico, social, cultural) e sobre a sua política internacional e de desmascarar qualquer possível ataque dos imperialistas e social-imperialistas e dos seus respectivos lacaios a estes dois países socialistas.

A Associação está aberta a todos os amigos dos povos chinês e albanês, indepen-

No seu programa prevê-se a unificação dos esforços de todos os amigos da China e da Albânia, a nível nacional. No entanto, frente aos problemas surgidos em Lisboa, a AAPCA aguardará o desanuviamento e a clarificação da situação nessa cidade para tomar posição, não deixando todavia de referir a posição cisionista da chamada «Amizade Portugal-China». Para ilustrar essa posição cisionista lembremos que no Porto os raros adeptos da chamada «Amizade Portugal-China» têm tentado, sem êxito, lançar a confusão entre os amigos da China com a promoção de actividades que nem chegam a concretizar (tais como a projecção do filme limpaiolista «O Oriente Vermelho») e rejeitando a conjugação dos esforços de todos os amigos da China e Albânia que tinha sido proposta pela AAPCA na sua Assembleia Geral.

A Assembleia Geral que decidiu a formação da AA PCA teve a participação de muitos amigos da China e da Albânia pois tinha sido amplamente convocada através dos órgãos de imprensa, rádio e televisão do Porto, assim como por carta a todos aqueles que já se tinham inscrito como sócios.

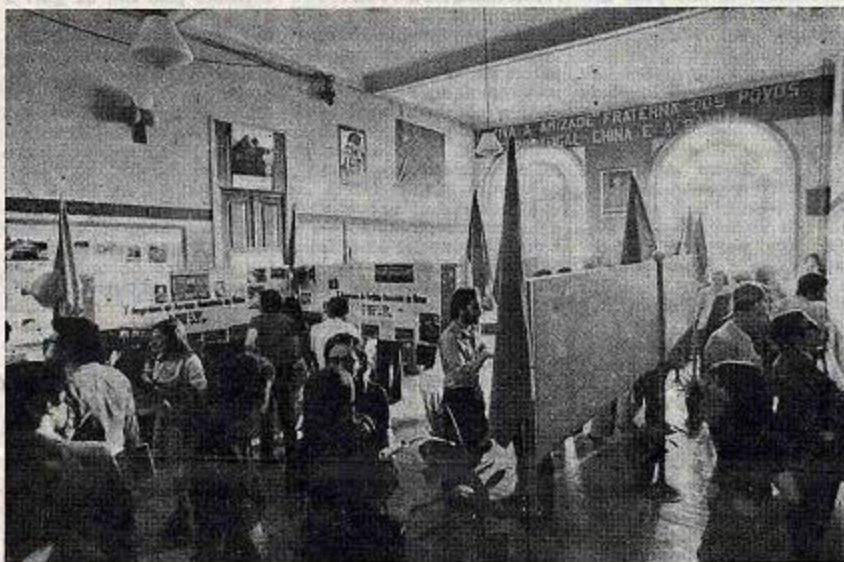
Além da exposição, a AA PCA possui um boletim informativo de que já saíram vários números e promove ainda colóquios e conferências, tudo isto destinado a dar a conhecer a vida e luta dos povos da Albânia e da China socialistas.

A Associação está ao dispor de todos os amigos da China e da Albânia, em todas as localidades do país, para al levar a exposição ou promover colóquios, conferências e debates. Para todos os contactos, dirigir-se a:

Associação de Amizade Portugal-China-Albânia
Apartado 519 — PORTO

S. João da Madeira, 18 de Junho de 1974.

JOSE ANTUNES



Aspecto da exposição no Porto

assuntos relacionados com a vida e a luta dos povos da China e da Albânia, assim como sobre os problemas da construção do socialismo nestes países.

Seguidamente a exposição partiu em digressão por várias localidades do Norte, tendo estado na Casa do Povo de Ermesinde. Nesta vila os reformistas, que se assustam só ao ouvir falar da China e da Albânia, sob pretexto de que não tinha sido içada a bandeira portuguesa ao lado das bandeiras da República Popular da China e da República Popular da Albânia, atacaram a exposição pela violência. No entanto, frente à resolute oposição dos amigos e amigas da China e da Albânia presentes na exposição, os reformistas acabaram por abandonar, tendo-se o incidente saldado em vários murros e alguns vidros partidos.

Em 22 e 23 de Junho, a exposição esteve presente na vila operária de Riba d'Ave durante as festividades, partindo depois para Ovar, Estarreja, S. João da Madeira e muitas outras cidades, vilas e aldeias do Norte.

O QUE É O SOCIALISMO

A exposição aborda diversos temas de bastante interesse para dar a conhecer aos trabalhadores portugueses o que é o socialismo, o que é a vida nos países socialistas, o que é a construção do socialismo. Existem expositores sobre a indústria socialista onde se mostra como os operários, tomando conta dos seus destinos, organizam o trabalho e a produção nas fábricas e nas oficinas após terem elimi-

velhos, os jovens, as escolas, o problema habitacional, como são tratados os intelectuais e, sobretudo, os imensos progressos alcançados em todos os domínios pela R. P. da Albânia e pela R. P. da China, que possibilitaram uma substancial melhoria do nível de vida das massas trabalhadoras destes dois países socialistas.

Os expositores compõem-se geralmente de diversas fotografias ilustrativas, acompanhadas de curtos textos explicativos.

Um dos temas que mais controvérsia tem levantado e à volta do qual se têm gerado mais discussões é o do expositor sobre o conflito sino-soviético, onde se mostra a luta do povo chinês contra o cerco e os ataques do social-imperialismo soviético.

No seu conjunto, a exposição, que é acompanhada por muitos livros e revistas em diversas línguas sobre a China e a Albânia e ainda por música popular desses países, pode-se considerar como tendo um papel muito positivo para o esclarecimento do povo português sobre o socialismo e os países socialistas e para combater a propaganda mentirosa dos fascistas e revisionistas sobre a vida e a luta dos povos da China e da Albânia.

QUAIS OS FINS DA ASSOCIAÇÃO

A Associação de Amizade Portugal-China-Albânia tem por objectivo, como indicam os seus estatutos, desenvolver e reforçar a corrente de simpatia e solidariedade que cresce em Portugal a favor

dentemente das suas convicções políticas, filosóficas ou religiosas.

Os seus estatutos prevêem ainda que se deve caminhar no sentido da criação de duas associações de amizade (Portugal-China e Portugal-Albânia) considerando-se a sua presente junção apenas própria a uma primeira fase de arranque.



A fotografia do presidente Mao Tse-tung dominava a sala da exposição

A POLÍTICA DE RAPINA DO SOCIAL-IMPERIALISMO

1 — O CARACTER CAPITALISTA DA UNIAO SOVIETICA ACTUAL

Na União Soviética assiste-se cada vez mais à restauração do capitalismo. Na economia planificada (principalmente depois das Reformas Libberman) assiste-se à introdução de elementos capitalistas como o mercado e o lucro para aferir da rentabilidade das empresas. As portas da URSS estão abertas ao capital estrangeiro que permite a construção de dezenas de empresas e permite aos revisionistas soviéticos assimilarem os métodos da gestão capitalista e novas técnicas que implicam uma maior exploração dos trabalhadores.

O poder já não está nas mãos dos operários e camponeses; as desigualdades sociais crescem; a hierarquia nas empresas prossegue assim como a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual e as diferenças entre a cidade e o campo.

O povo soviético, que insuado por Lenine e guiado pelo grande Staline e à custa duma luta dura e prolongada conseguiu enormes êxitos com a Revolução, vê-se hoje desapossado dos seus frutos e encontra-se novamente reduzido à situação de oprimido e explorado.

A Ditadura do Proletariado deu lugar à ditadura da burguesia monopolista e burocrática, o capitalismo foi instaurado e o Estado Socialista mudou de natureza.

Tudo isto veio dar origem ao restabelecimento duma política de domínio chauvinista grã-russa não só no interior da URSS mas também sobre outros povos e outros países. Este é um dos traços fundamentais do actual Estado soviético, que de país socialista partidário e defensor da liberdade dos povos, se converteu numa potência social-imperialista, que segue uma política interna e externa neo-colonial de opressão e agressiva, que espezinha da maneira mais evidente os interesses dos outros povos. Como exemplos da política agressiva da URSS em relação a outros países lembramos a interferência nos assuntos internos da Checoslováquia seguida da sua ocupação bélica, o reforço da dominação militar dos países membros do Pacto de Varsóvia, as provocações às fronteiras da República Popular da China e o incitamento e financiamento da agressão indiana contra o Paquistão.

2 — A URSS E OS PAISES DO LESTE EUROPEU

Os pequenos Estados da Europa de Leste, estão completamente submetidos ao senhor todo poderoso — a URSS.

As ex-democracias populares da Europa de Leste vivem exclusivamente na órbita da URSS, funcionando como seus simples apêndices, especializando-se no que a União Soviética acha de maior conveniência para si. Estes países sofrem pois um processo de desenvolvimento desequilibrado e desigual, ficando completamente dependentes tanto económica e culturalmente como política e militarmente da «lança» com a grande potência URSS.

Uma das armas que os social-imperialistas soviéticos usam para dominar e explo-

rar os países da Europa de Leste é o petróleo. A URSS no seio do Comecon (comunidade económica dos países «socialistas» equivalente ao Mercado Comum europeu) tem vindo a pressionar estes países em nome da cooperação a pagar preços elevadíssimos pelas ramas de petróleo que lhes fornece, sendo estes países dependentes em mais de 90% das suas necessidades do fornecimento do petróleo soviético. Simultaneamente, a URSS tenta impedir por todos os meios que a Hungria, a Polónia, a Bulgária, a Checoslováquia, etc., recebam petróleo directamente de outros países fornecedores em melhores condições económicas.

A União Soviética mostra assim querer manter o controlo abultado sobre o mercado petrolífero da Europa Oriental, o que lhe permite colocar aí o seu petróleo em regime de exclusividade, a preços superiores à cotação no mercado mundial e, simultaneamente, manter na sua dependência absoluta aqueles países.

3 — OS SOCIALS-IMPERIALISTAS E OS PAISES DO CHAMADO TERCEIRO MUNDO

Mas a URSS não limita a sua acção aos mercados do leste europeu. Ela tenta igualmente criar esferas de influência e estender a sua hegemonia aos países da Ásia, África e América Latina entrando numa concorrência desenfreada com outras potências imperialistas e em especial com os Estados Unidos da América.

Tudo é feito para tornar as economias desses países vassalãs do social-imperialismo soviético. É a especialização da metrópole imperialista em sectores fundamentais da produção (como as indústrias eléctrica e electrónica, a química, a metalúrgica, etc.) enquanto que os países «subdesenvolvidos» se dedicam à exportação de matérias-primas, produtos agrícolas e algumas mercadorias de indústria ligeira, que domina as relações da URSS com aqueles países.

Por outro lado, a URSS concede empréstimos aos países «subdesenvolvidos» sob a forma de créditos de Estado a longo prazo que são muitas vezes reembolsáveis a um juro mais elevado do que os empréstimos de muitos outros países capitalistas. Exemplo: eram de 12,5% ao ano, reembolsáveis em 12 anos, os juros dos créditos soviéticos pagos pela Índia.

Neste caso da Índia, como em muitos outros, a forma de pagamento era extremamente prejudicial pois os créditos e o material militar soviético era pago sob a forma de mercadorias indianas a preços geralmente inferiores aos que seriam conseguidos pela sua colocação directa no mercado mundial.

Relativamente ao Iraque, os soviéticos recebiam a preço reduzido, como pagamento parcial de armamento, petróleo bruto que depois vendiam à Alemanha Federal com uma margem de lucro de 300%.

A União Soviética realiza também grandes lucros quando utiliza os mercados desses países para escoar o seu equipamento em segunda mão e de má qualidade a preços elevados que por vezes excedem em 20 e 30%

(Continua na pág. 4)